

# **Arte Contemporânea Brasileira: O exemplo da Bienal do Sertão de Artes Visuais**

## **Contemporary Brazilian Art: The example of the Sertão Biennial of Visual Arts**

Denilson Conceição Santana\*

### **Resumo**

Este artigo se condensa em analisar e promulgar as diretrizes oriundas nos objetivos primeiros do entorno da criação da Bienal do Sertão de Artes Visuais e na formação de um acervo predominante em arte contemporânea, que, alçado em obras de arte e artistas de várias localidades e nações, urge em ampliar o campo de discussão a respeito da produção, intercâmbios, divulgação, formação de público e formatos educacionais a respeito. Para tanto, sê referência deste artigo, o estudo das obras adquiridas, expostas e selecionadas nas cinco primeiras mostras da exposição e que abarcam várias linguagens, poéticas e técnicas, ligadas ou não ao tema sertão e que acabam por ampliar e dinamizar seu campo sógnico além do geográfico e ao temas e eixos curatoriais de cada edição, o que resultam em um acervo original, próprio e eficaz, servindo de exemplo na confecção e trâmite de uma arte brasileira de produção contemporânea neste início de século.

### **Palavras-chave**

Arte contemporânea, bienal, artes visuais, história da arte, curadoria.

### **Abstract**

This article condenses in analyzing and promulgating the guidelines originated in the first objectives of the creation of the Sertão Biennial of Visual Arts and in the formation of a predominant collection in contemporary art, that, raised in works of art and artists of several localities and nations, there is an urgent need to expand the field of discussion regarding production, exchanges, dissemination, audience formation and educational formats. To this end, be a reference of this article, the study of the acquired works, exhibited and selected in the first five exhibitions of the exhibition and which

encompass various languages, poetics and techniques, linked or not to the sertão theme and that end up expanding and dynamizing its sign field beyond from the geographic and the themes and curatorial axes of each edition, which result in an original, own and effective collection, serving as an example in the making and processing of a Brazilian art of contemporary production at the beginning of this century.

### **Key words**

Contemporary art, biennial, visual arts, art history, curatorship.

O sertão brasileiro, como conhecido no campo geográfico, ocupa a maior parte do estado de Alagoas, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Sergipe, Piauí e por todo Ceará, atinge ainda a mesorregião norte de Minas Gerais e Goiás. Contactando demais pluraridades de artes e visionarismos artísticos e estéticos, e assim instaura noções de cultura bastante diversos e concêntricos, o que explica ser um dos lugares dos mais belos e ricos do país. Desta forma e pensando de maneira uníssona em que as matrizes e instituições de ensino e práticas artísticas operam, sendo de mesura desregular em várias partes e regiões do país e em que oportunas formas educativas e instituições mostras de arte, escolas, centros de arte e pesquisa, universidades e outros não dão conta e ao mesmo tempo não dão vazão e condicionam práticas expositivas e de visibilidade de produção, criação e intercâmbios, principalmente em artes visuais contemporâneas, e onde artistas buscam outras localidades e países fora de seu estado natal para dinamizar suas criações, a exemplo das capitais citadas acima, é que de grande valia foi pensado a Bienal em termos estruturais, de valorização, de conforto e de economia criativa.

Assim, foi-se criado em 2012, a Bienal do Sertão de Artes Visuais, onde desde então se tornou um espaço de reflexão e entusiasmo pela valorização deste espaço geográfico, político e de flexões plurais tão proeminente e forte de solo brasileiro ao qual andava carente de tal afirmação como valor cultural e de avantajadas possibilidades artísticas do mesmo.

A Bienal do Sertão de Artes Visuais trata-se de um evento nômade, itinerante, contemporâneo e de cunho histórico formativo, que propõe atividades artísticas de exposição, intercâmbio, residência artística e de diálogos em artes visuais. Como uma instituição sem fins lucrativos, tem como meta principal a participação unânime de artistas de todas as localidades e nações, e da comunidade em geral, sejam produtores, público leigo, interessados, estudiosos, estudantes, aprendizes de arte, designers, professores, curadores, artesões, etc., na interação recíproca de obras de arte, monitoria especializada, trocas colaborativas entre artistas e obras de arte, rodas de conversa com artistas, oficinas e seminários, além de ser um contributivo definitivo na área social, cultural e educativa do país, sendo referência e influência de aprendizado e organização, tudo isso de forma livre, gratuita e apoiada diretamente por instituições públicas, museológicas, universidades e centros de cultura do país.

Desta maneira foi pensado os seguintes objetivos que englobam:

- \* Promover a criação, divulgação, difusão e propostas de obras de arte e projetos curatoriais na/da/para a região do Sertão Brasileiro.
- \* Construir uma plataforma para artistas e curadores de propostas criativas e inovadoras emergentes no campo das artes visuais.
- \* Facilitar o diálogo, o intercâmbio e a discussão crítica das práticas artísticas atuais, como o emparelhamento regional, global, seus desafios e oportunidades, assim como seu compromisso educacional.
- \* Divulgar os resultados, experiências e conclusões da Bienal no Brasil e no exterior.
- \* Promover a notoriedade da marca da Bienal do Sertão de Artes Visuais, através da difusão das artes contemporâneas e do apoio ao empreendedorismo criativo.
- Atentar e dar visibilidade maior para ao acervo de instituições museológicas locais, como material pictográfico e historiográfico.



Composta com um comissariado formado a cada edição, a Bienal atua de forma voluntária e colaborativa com a inserção de apoiadores e artistas vinculados, com a responsabilidade de reposicionar noções de curiosidade, criatividade e invenção, sendo valor orientador à seleção, privilegia: 1. Criatividade; 2. Cooperação; 3. Experiência; 4. Inovação e, 5. Eficácia.

As ações e os objetivos da Bienal continuam a cada edição, com grande repercussão na mídia, crítica de artes e público em geral, onde visa abranger um número de espectadores físicos presentes extra a cada edição nesta região específica do território brasileiro ao qual denominamos 'Sertão', com a formação de público e sistemas de educação entre obras de arte e artistas.

Sua curadoria é definida a cada edição e está dividida em dois eixos básicos temáticos: Histórico e Contemporâneo, além de instituições e universidades parceiras convidadas. A preocupação com a curadoria é levada a um estudo específico do local escolhido a cada edição, sendo que uma análise das dificuldades enfrentadas pela comunidade e pelos artistas locais possam reverberar na escolha e promoção de demais artistas e obras de arte para o evento em vias do espaço expositivo, técnicas utilizadas, matrizes de arte, e uma série de outras questões adiante a resposta a apoios e parcerias utilizadas e solicitadas. Tudo isso em torno de um tema central curatorial que abarque e que possa ampliar, durar e dar possibilidade de vazão e embasamento até a próxima

edição. E até aqui se tem sucesso com esta noção de cúria, onde o local se ligue ao global e suas intra-periferias se intercomuniquem.



### **Histórico das edições**

Num dado momento, e desde sua primeira edição, sabíamos dos desafios e interlocuções a que estava embuido este tipo de evento, desde a necessidade de atuar sempre à frente das pesquisas e dar vislumbre as produções cada vez mais significativas para o campo das artes plásticas/visuais e contemporâneas, e suas membranas criativas, digo: a filosofia, história, educação, cultura, etc. Assim foi montada em Feira de Santana, cidade 'Portal do Sertão brasileiro', a primeira Bienal do Sertão de Artes Visuais em 2013. Cidade conhecida por ser um eixo de cruzamentos de rodovias federais e importante pólo de comércio no país, teve como tema: 'Uma bienal pro sertão', e contou como apoio da Universidade Estadual de Feira de Santana, do Museu Casa do Sertão e do Centro de Cultura Amélio Amorim, órgão pertencente à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, SECULT-BA, e estava dividida em cinco eixos curatoriais bastante distintos, significativos e contemporâneos. Foram eles: 1. O Sertão

na/da arte; 2. O Ser tão artista (notas de sobrevivência e elegância na arte); 3. Outros sertões (anomias, disritmias, o inusitado e outras iniquices); Exposições paralelas: 4. O sertão preservado. 'Acervo' do Museu Casa do Sertão; 5. Exposição 'Intro'; 6. Filmes de artistas e conversas da bienal. O que possibilitou com este formato de curadoria ampliar e dar possibilidade de abarcar uma demanda muito grande de poéticas, fazendo uso delas para um acompanhamento mais próximo e direcionando aos múltiplos exemplos de técnicas pertinentes e próximas às obras selecionadas, culminando em uma diversidade de visitas de públicos diversos e possibilitando a entrega da arte ao seu dever de observação, repouso e novos olhares e prazeres estéticos.

Sendo de grande valia e servindo de palco para a ampliação do circuito regional, logo tomou-se contendas de nível nacional e internacional para o calendário das artes e das várias problematizações e intercâmbios em torno dela, pois chamou atenção de muitos artistas e entusiastas de vários locais de todos os estados do país, e com ampliação do campo de diálogo para com outros países, visto que, já nesta edição primeira da Bienal trouxemos duas representações de países diferentes: da Itália veio o artista Flavio Marzadro com gravuras *specific*, retiradas do solo dos principais locais de turismo da cidade e estampados em forma de pinturas em tela, além da artista Cláudio del Rio, da Argentina com obras de *video art*. Contou também com artistas brasileiros de vários estados e localidades e em diversas linguagens, poéticas e técnicas como da gravura, fotografia, instalação, desenho, xilogravura, escultura, gravuras, *silk*, novas mídias, dentre outras. Foram estes os artistas selecionados: Djalma Araújo Lima, Natividade, Christiane Arruda, Tânia Azevedo, André Ávila (Niedersberg), Magali Abreu, Patrícia Martins, Nadja Pitombo, Magalhães Aguiar, Nelson Oliveira, Juçara Lugana, Elaine Maturino Gomes Lima, Antonino, Priscila Piantanida, Glayson Arcanjo, Rosane Chonchol, Alessandra Cunha, Jandir Jr., Jane Teixeira Alvino, Atemóia invenções (Jurena Cavalcanti, Marina Carmelo Cunha, Priscila Erthal Risi, Thais Portela, Janaina Chavier Silva), Lys Valentim, Willian A., Camila Nascimento dos Santos, Luana Aguiar, Mirele Pacheco, Ana A., Joana Burd, Geisa Lima dos Santos, Kelvin Marinho de Jesus, Artur Cavalcanti e Beatriz Pimenta. Obtendo um resultado positivo de visitas, por escolas principalmente, foi acordado que o projeto não pararia, muito embora das dificuldades de se achar apoio e dinâmicas de patrocínio ampliado, seja por parte do estado com suas burocracias, seja por parte do poder privado com suas

demandas de trocas de publicidade, *merchandising* e outras práticas não condizentes com a proposta original da bienal.



Sucesso assim logo na primeira edição e sendo alçada a um caráter universalista, e já muito requisitada para a segunda edição, buscou-se ampliar o espaço expositivo desta, e com isso, expandir diretrizes oriundas do projeto que foram, a saber: seu pólo educativo e de visibilidade construtiva, sendo escolhido duas cidades de estados diferentes para este fim na segunda edição do projeto. Juazeiro na Bahia e Petrolina em Pernambuco foram definidas, sendo dividida a bienal em dois eixos de curadoria e três entidades de apoio à exposição: o Centro de Cultura João Gilberto deu espaço para a exposição do núcleo contemporâneo e o Museu do sertão de Petrolina nos presenteou com a mostra paralela do acervo com peças de antropologia, história natural, botânica e paleontologia servindo de núcleo histórico da mostra. Teve ainda de cunho educativo e de divulgação o apoio do Colegiado de Artes da Universidade Federal do Vale do São Francisco, sendo tema desta edição: ‘O sertão abduzido’, e que teve também além desta a exposição: ‘Diluições e endeusamentos (incógnita e irraciocínio na paisagem)’. Contando com obras maiores de porte da pintura, arte pública e de instalação, com grande repercussão de público, obteve-se ótima e positiva repercussão nas mídias e de visitas físicas do público. Foram os artistas convidados para a mostra: Dinha Argolo.



Ana Paula Maich, Andressa Monique, Antônio Carneiro Dourado, Bernadete Ferreira Farias, Diógenes Magno, Elen Gruber, ERRO Grupo, Erivalda Filipe de Oliveira Anjos, Felipe Cidade, Fernando Quitério, Gabriela Noujaim, Guilherme Bergamini, Henrique Marques, Herbert Baioco, Jussara Pires, Lys Valentim, Luma Flores, Maicon Medeiros, Marina Camargo, Mariana Guimarães, Márcia Porto, Mozileide Néri, Patrícia Araújo, Paula Scavazzini, Renata Cruz, Rodrigo Quintanilha, Thaieny Dias, Thyago Marão Villela e Tonil Braz. Sendo convidados internacionais as representações de Portugal, através da artista Susana Bravo, através de suas pinturas em tela, e do Japão, com o artista fotógrafo Shinji Nagabe por meio de suas instalações *specific* de registro de performance no nordeste brasileiro.



Pensando na condensação de volume de obras em um acervo prático e de qualidade pra a arte nacional, a terceira edição da bienal foi pra Vitória da Conquista no sudoeste da Bahia e já com boa visibilidade das mídias digitais, de escrita e falada, com mais de 300 inscrições em formato de livre concorrência de artistas diversos, visitas a ateliers de artistas, seminários e outra formas de divulgação, até se chegar nas vinte e oito obras selecionadas, somando assim com o resultado das oficinas de arte que ocorreram ao longo do processo, onde foi um sucesso de novos olhares a este projeto que ora tomou conhecimento profundo de sua importância em se promulgar arte e patrimônio educativo em suas diretrizes de um acervo visual em arte contemporânea voltada para sócio diretrizes culturais na/da e para a região, mas com o vinculo de um construto



uníssono para um país, “Unindo Sertões”, foi o tema desta edição da Bienal do Sertão de Artes Visuais, onde o conagraçamento de idéias, atos e fusões, experimentalismos estéticos, processos e diversidade pictórica de todos os sentidos, se abarcaram num itinerário voltado para valores educacionais, de intercâmbio e de acervo histórico.

Não é à toa que devido ao sucesso das edições anteriores, foram mantidas as participações de instituições convidadas, a respeito do patrimônio antropológico e de resgate cultural destes povos envolvidos com maneiras outras de pensar e de se evoluir perante seus percalços culturais, demográficos e estratégicos a que se propõe e que numa arte única e desenvolvimentista encontra refúgio. Tendo como palco principal as instituições colaboradoras a citar, o Museu Regional de Vitória da Conquista, ligado a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que deu suporte e exposição de acervo de peças oriundas de coleções históricas particulares e outras ligadas ao habitat do sertanejo sendo o Núcleo Histórico da mostra e, da Casa Régis Pacheco órgão ligado à Prefeitura local, seu Núcleo Contemporâneo de artistas selecionados de pinturas, desenhos, instalações, escultura, objetos, fotografias e novas mídias, etc. Foram eles: Luanna Jimenes, Yara Pina, Thales Luz, Natalia Coehl, Isabelle Santos, Claudia Tavares, Josie Lins, Davilym Dourado, Celise Dalla Costa, Gabriel Bicho, Juliana Pessoa, Carlos Medina, Monique Brandão, Felipe Bittencourt, Élcio Miazaki, Silvana Mendes, Jean Araújo, Romario Batista e Lorena da Silva Dantas. Contou ainda com o apoio do Ministério da Cultura, parceiro que descobriu a bienal neste período e nos presenteou com as impressões dos catálogos, o que fez assim merecimento a nosso desejo de doar e retribuir socialmente uma edição de cada exemplar a uma escola e ou biblioteca da região do sertão primeiramente, e a quem nos acolheu e deu sua real distinção a este. Foi também de suma importância o apoio da TV Universitária da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia na divulgação e ampla cobertura das exposições, discussões e visitas à mostra.



A bienal deste ano de 2017 entrou num parâmetro importantíssimo e rico para o calendário artístico do país a partir desta região tão riquíssima e eloqüente em fantasias e humanismos, e aludiu ainda a outras bienais espalhadas pelo mundo como fonte de conhecimento e divulgação de obras e artistas de várias nações que encontrou e encontrará abrigo a cada edição, sendo que chamou atenção definitiva do Governo Federal quando nos é selecionado a participar de uma mostra itinerante na Galeria de Arte do 10º andar da Câmara dos Deputados em Brasília no Distrito Federal. Para esta exposição foram mantidos os artistas da terceira edição anterior, sendo reduzidas e acondicionadas as obras da exposição devido ao espaço expositivo da galeria, mas que em nada alterou seu valor de prestação de condutas relacionadas ao devires da arte contemporânea e seu cunho histórico-formativo. Oportunidade extra ao qual ampliamos o campo de visão e reciprocidade entre obras de arte e público principalmente do centro oeste, sul e sudeste do Brasil, além de países da América Latina.

A bienal neste episódio culmina na atenção em ampliar seu campo de firmação, divulgação e visibilidade da arte contemporânea desenvolvida em locais tidos como inóspitos do país, a exemplo do sertão brasileiro, sendo resguardo de importantes

artistas e obras que não obtêm respostas significativas de visibilidade, gestão e práticas econômicas por não estarem em áreas de distribuição e mercado aberto como os grandes eixos centrais do país, e por vezes a não se enquadrarem e não responderem a um sistema de galerias, gostos e desejos pessoais que por hora definem o que é ou não arte, sendo instável esta premissa por seu escudo de se insistir em uma arte uníssona e verdadeira, sendo a itinerância um aporte necessário para a livre discussão destes valores e campos de visão em artes visuais no país e fora dele.



A quarta edição desta feita foi montada em 2019 uma capital de estado, Teresina no Piauí, e conseguiu uma forte e significativa condução de ampliação de valores culturais e sócio educativos, com inúmeras visitas de escolas, de artistas e do público leigo e especializado, sendo oferecidas visitas guiadas a deficientes, oficinas de arte e rodas de conversa, tudo isso com uma monitoria pensada e discutida especificamente para este evento em tona. Teve lugar no Museu do Piauí, localizado bem no centro de Teresina, perto de muitas instituições culturais e de centro de turismo da cidade, o que possibilitou o acesso livre e humanizado do público. Sendo o museu de importante valia para o projeto da bienal ao qual recebeu com carinho e atitude de respeito ao seu acervo de mais de sete mil peças históricas que vão da paleontologia á antropologia e está dividida em áreas: indígena, colonial, império além da pinacoteca com pinturas de artistas renomados e em coleções de grande qualidade, peças pré-históricas (peixes e

troncos fossilizados), louças da Companhia das Índias, porcelanas chinesas e inglesas, mobiliário, quadros dos séculos XIX (Victor Meirelles, Lucílio de Albuquerque e Iole), imaginárias, obras importantes de arte contemporânea de renomados artistas piauienses como: Afrânio Castelo Branco, Pindaro Castelo Branco, Liz Medeiros, dentre outros. Neste mesmo museu foi montada e exposição do eixo contemporâneo da bienal, tomando as quatro salas do espaço, contou com representações do Chile e do Peru, respectivamente: Waldo Bravo e Erly Emílio Almanza Torres, além dos artistas brasileiros de vários estados do país: Alex Melo, Anais Karenin, Audrian Cassanelli, Avelar Amorim, Bia Monteiro, Carlos França, Coletivo Huma, Cristiane Mohallem, Edilson Parra, , Duo Grão: Gabriela Sá e Ícaro Moreno, , Isabella Beneduci Assad, Ísis, Jussara Marangoni, Leandro Peregre, Lidhia SemH, Lynn Court, Mariana Araújo Silva, Marina Woisky, Natalie Mirêdia, Pedro Vidal, Raphael Sagarra, Roberval Borges e do Duo Tangerina Bruno.

Desta edição foram ainda doadas e incorporadas obras de arte e peças ao acervo do Museu do Piauí, sendo eles: uma pintura mista do artista cearense Higo Joseph; uma pintura/gravura/desenho do artista paraibano Luiz Barroso; e uma série fotográfica do artista pernambucano Elias Rodrigues de Oliveira, contribuindo desta forma e formalmente para a ampliação, divulgação e constante fluxo da arte desenvolvida em nosso país, possibilitando novos acessos de formação e desenvolvimento de sua cadeia produtiva.







### **Bienal no Futuro**

As diversas ações da bienal englobam parcerias diversas na promoção da arte brasileira, em vias de falta de financiamento, mas que no montante é suprida pelo amor e desejo da valorização do artista nacional, único em suas premissas, suportes, aportes técnicos e práticos de feição, pesquisa, criação, restauro, desenvolvimento de obras de arte, e toda uma dinâmica que envolve o seu estar social em comunidade. Para tanto, para o extrato educativo e de divulgação são feitos constantes seminários, divulgações, palestras, cursos e oficinas relacionadas a sua historia, campo de atuação e do seu acervo e futuras peças adquiridas.

Ao contrário de uma crise no sistema das bienais como é proclamada já há vários anos, se é sabido das dinâmicas do mercado a que este tipo de empreendimento é salutar, e em vias de um afogamento de suas matrizes, que vão do setor educativo, de produção e de pesquisa, passando até ao seu íterim de mostras e exibições ao que se tem o cunho do processo contínuo de retro-alimentação da arte e em consoante aos problemas decorridos da economia e políticas de sustento à cultura, que é instauro e preocupação constante da Bienal do Sertão de Artes Visuais, no montante a participações em congressos, exposições, seminários, cursos, diálogos, rodas de conversa, e outras formas de organização, de aprendizado e de respeito mútuo, em conjunto a outras bienais e

centros de pesquisa do Brasil e do mundo, agindo assim de forma global e colaborativa para o sustento e permanência em se estabelecer a um evento que tem o privilégio de por dois anos pensar e refletir junto à comunidade artística modelos de evolução, sendo pertinente seu campo de atuação junto à sociedade.

Buscando no próprio âmago das reflexões filosóficas, sendo o entretenimento, a diversão, o encantamento com as obras de arte, sua história, a memória, sua ambientação e promoção social, seu contexto educativo e de melhoria de um povo e nação, só pra citar alguns tópicos é que a Bienal do Sertão de Artes Visuais segue seu destino de ampliar seu campo de atuação permitindo o desenvolvimento do seu campo de diálogo e sobrevivência a esta região tão importante do país que possuem heranças e relíquias diversas no campo das artes e humanidades e que não pode passar em branco em vias e ou despercebidas do cenário nacional e que servem de exemplo para a nação a partir da arte contemporânea produzidas nela.



Parte das problematizações em volta das bienais surge justamente deste pressuposto de se buscar em torno do evento um ideal artístico que muito em voga seja diversa e modelo constitutivo da curadoria empregada e se cunhou ao longo do tempo em uma situação de ganância e promulgação do evento em ser melhor que outro, principalmente



nas bienais de grande porte, onde a espera pela próxima edição geralmente é frustrada por parte do público e muito é abalada por decorrentes críticas, depoimentos destrutivos e vingativos até que não se adequam às vontades e desejos da crítica especializada que em virtude de amplas idéias e fontes diversas da filosofia, história da arte e estética, etc, encontram-se e se debandam dentro da própria matriz da arte contemporânea e é trabalho árduo, perspicaz e evolutivo que perfazem da curadoria a hora da vez quando esta se ilude nas transformações ocorridas neste modelo expositivo

Sabendo disto, a Bienal do Sertão de Artes Visuais, recentemente convidou as seis principais e atuantes Bienais do Brasil, a saber: Bienal Internacional de São Paulo, Bienal do Barro do Brasil, Black Brasil Art, Bienal de Curitiba e a Norte Bienal, para uma união de forças e diálogos, postos a pensar entre organizadores e curadores de bienais a vontade de se discutir o tema das bienais mais amplamente, seus desejos e formas, de suas diretrizes básicas, apoios, situação atual e futuros devires a que estamos condicionantes e condicionados e que devemos enfrentar se acaso houver imposição maior. O encontro foi realizado pela sistema de live no dia 30 julho de 2020, com o tema: Conexões Bienais de Arte no Brasil – panoramas e perspectivas futuras, e pode ser visualizado no endereço virtual: <https://www.youtube.com/watch?v=qnMXOt-vJkg>. Esta e outras medidas de conforto, confronto e de interação recíproca com a contemporaneidade são de interesse da Bienal do Sertão de Artes Visuais que intenta seu ideário maior de levar comunicação e arte e servir de exemplo para a nação.

## Notas

---

\* Historiador, curador de arte, escritor, Possui Pós-graduação em Docência em ensino Superior. Idealizador da Bienal do Sertão de Artes Visuais. Ganhou prêmio ‘Artista universitário baiano’ em 2004. Fez residência artística na UnB em 2008. Escritor com pesquisas, catálogos, encadernações e livros importantes na área de história, filosofia e arte contemporânea, com lançamentos na ANPUH e ANPAP. Suas pesquisas giram em torno de temas como: História, crítica da arte, artes visuais, cultura e tecnologia. E-mail: [biendaldosertao@hotmail.com](mailto:biendaldosertao@hotmail.com), Site pessoal: <https://denilsonsanatana.wordpress.com>, Site da bienal: <https://biendaldosertao.wixsite.com/biendaldosertao>